

Protagonismo feminino ganha força na capoeira de Nova Iguaçu

Projetos de capoeira estão transformando realidades no município de Nova Iguaçu

No mês de março, marcado pelo Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, histórias de força, superação e protagonismo feminino ganham ainda mais destaque. Em Nova Iguaçu, duas mulheres têm na capoeira não apenas uma prática esportiva, mas um verdadeiro propósito de vida. As contramestras — graduação hierárquica logo abaixo da de mestre — Jaqueline Ferreira da Silva Gaspar, conhecida como Kew, e Lucilene Teixeira, a Shayna, são referências na modalidade e já foram vencedoras do Prêmio FENIG Destaque Iguaçuano, concedido pela Prefeitura, por meio da Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (FENIG), que reconhece projetos, ações e personalidades que se destacaram e contribuíram para o desenvolvimento da cidade.

Com trajetórias distintas, mas conectadas pelo amor à capoeira, Kew e Shayna transformaram a arte em ferramenta de educação, inclusão e cidadania, impactando diretamente a vida de crianças, jovens e famílias em seus territórios.

Kew, de 38 anos, iniciou na capoeira ainda na infância e, desde então, construiu uma relação profunda com a prática. A contramestra destaca que a modalidade foi determinante em sua formação pessoal e profissional.

“Eu me formei em Educação Física graças à capoeira”, conta.

Fundadora da Associação Cultural, Desportiva e de Capoeira Quilombolizando – Quilombo em Foco, criada em 2019, em Comendador Soares, ela desenvolve um trabalho voltado principalmente para a inclusão de crianças neuro-



Histórias de superação e protagonismo feminino ganham ainda mais destaque no mês da mulher

divergentes. Atualmente, o projeto atende cerca de 20 meninos e meninas, com uma metodologia que respeita o tempo de cada aluno. “A gente trabalha a adaptação, depois a socialização, até eles estarem integrados com todo o grupo”, explica.

Os resultados são motivo de orgulho e emoção. “Tem criança que não falava e hoje canta, participa, se comunica. Quando vejo eles evoluindo, fico apaixonada”, relata Kew, que também enfrentou desafios ao longo da trajetória, incluindo o machismo dentro da modalidade. Para ela, o Prêmio FENIG foi um divisor de águas. “Foi um pontapé inicial que deu visibilidade ao nosso trabalho e abriu portas que antes pareciam distantes”, destaca.

Já Shayna, de 39 anos, acumula mais de 25 anos de dedicação à

capoeira. Ela encontrou na prática uma forma de transformação pessoal após um episódio de agressão na adolescência.

“Eu aprendi a me controlar mais e a não me envolver em situações de agressão. Graças à capoeira, nunca mais precisei me defender”, afirma.

Também formada em Educação Física, Shayna fez da capoeira sua profissão e missão de vida. Há mais de uma década, desenvolve projetos sociais voltados para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, promovendo não apenas a prática esportiva, mas também valores como respeito, disciplina e consciência social.

“A capoeira é uma luta disfarçada em dança, criada para defesa. A gente trabalha a arte para a construção social e o senso crítico”, destaca

a contramestra da Associação de Capoeira Engenho, localizada na Posse.

Assim como Kew, Shayna também enfrentou desafios como mulher dentro da capoeira.

“Para a mulher, é sempre mais difícil. Parece que a gente tem que se provar o tempo todo”, desabafa.

Apesar das dificuldades, Shayna segue firme em sua trajetória, acumulando conquistas — entre elas, o Prêmio FENIG Destaque Iguaçuano. Para a contramestra, o reconhecimento tem um significado especial.

“É muito importante ser premiada na cidade onde nasci, cresci e crio meus filhos. Mostra que é possível ser valorizada sem sair daqui”, afirma.

Mais do que formar capoeiristas,

Kew e Shayna formam cidadãos. Em comum, elas compartilham o compromisso de transformar realidades por meio da capoeira, fortalecendo o protagonismo feminino e mostrando que a arte também é instrumento de inclusão, resistência e futuro.

Projeto Capoeira Iguaçuana

As associações das quais Kew e Shayna fazem parte também integram os 39 grupos mapeados pela Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (FENIG), por meio do projeto Capoeira Iguaçuana. A iniciativa, realizada por meio de chamamento público, identificou e reconheceu grupos que desenvolvem trabalhos culturais e sociais em diferentes regiões do município.

Além do mapeamento, o projeto possibilitou ações de apoio às atividades desses grupos e às tradicionais rodas de capoeira, fortalecendo a comunidade e incentivando a continuidade das práticas. Com atuação descentralizada, os grupos atendem públicos diversos, incluindo crianças, adultos, idosos e pessoas com deficiência, promovendo inclusão, disciplina e valorização das tradições de matriz africana.

O Capoeira Iguaçuana também oferece suporte estrutural para eventos. Além desse fomento, alguns grupos locais participaram do edital de Chamamento Artístico, que possibilitou suas presenças em diversos eventos da cidade, como os Festivais de Arte de Nova Iguaçu, ampliando a visibilidade da capoeira como manifestação artística de grande impacto social.

HGNI faz primeira captação de coração neste ano

Uma decisão tomada em meio à dor possibilitou a primeira captação de coração de 2026 no Hospital Geral de Nova Iguaçu (HGNI). O doador foi um jovem de 26 anos, vítima de atropelamento, com morte encefálica confirmada. A autorização da família também tornou possível a doação de outros órgãos — fígado, rins, pâncreas e córneas — que poderão beneficiar até sete pessoas que aguardam por transplante.

O caso, no entanto, não reflete o cenário enfrentado pela unidade. Apesar do número de notificações de potenciais doadores ser semelhante ao do ano passado, o hospital registra queda nas autorizações familiares e, conseqüentemente, na efetivação das doações. Entre janeiro e março deste ano, foram 18



Hospital reforça a importância da autorização familiar

notificações — o mesmo número de 2025. Ainda assim, as autorizações caíram de nove para sete, e as doações efetivadas passaram de oito para cinco, uma redução de 37,5%.

Sem a autorização da família, a doação não pode ser realizada, mesmo quando há um paciente em po-

tencial para ser um doador. Por isso, a decisão tomada em momentos de luto tem impacto direto na vida de pessoas que aguardam por um transplante pela oportunidade de um recomeço.

“Compreendemos a dificuldade em um momento de luto. Mas

a doação de órgãos é um gesto que salva vidas e só se torna possível a partir de uma decisão consciente das famílias. Por isso, é fundamental que esse tema seja discutido e compartilhado”, destacou o secretário municipal de Saúde, Luiz Carlos Nobre Cavalcanti.

A captação de coração é um dos procedimentos mais complexos da medicina, exigindo rapidez e integração entre equipes, já que, após captado, o órgão precisa ser transplantado em até quatro horas. Como forma de reconhecimento, o HGNI sempre promove uma homenagem ao doador formando um corredor humano com profissionais de diferentes setores da unidade.

O processo de doação de órgãos e tecidos no HGNI é conduzido

pela Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT), responsável por identificar potenciais doadores, acolher familiares e organizar toda a logística da captação. Logo após a autorização dos familiares, o RJ Transplantes é acionado e envia cirurgiões até à unidade. Após a cirurgia, os órgãos são encaminhados a pacientes cadastrados no Sistema Nacional de Transplantes (SNT), seguindo critérios técnicos e a lista única nacional.

“Mais do que a parte técnica, nosso trabalho envolve acolher e orientar os familiares em um momento de muita sensibilidade, além de garantir toda a logística necessária para que a doação ocorra com segurança”, explicou Roberta Carvalho, coordenadora da CIHDOTT.